

TESTEMUNHO

Glória de Matos

PERGUNTO-ME COM QUE FREQUÊNCIA, COMO SERÁ visto o Manoel de Oliveira daqui a cinquenta ou setenta anos? Será julgado através da sua obra, mesmo com tudo o que ele filmou e não exibido, com todo o material que escreveu e preparou mas nunca filmou? Pelas centenas de entrevistas que já lhe fizeram, onde revela para além do seu poder crítico, mesmo mordaz e um enorme sentido de humor por vezes ácido, uma simplicidade que, curiosamente, muita gente não quer ver?

Entre aqueles que escrevem artigos laudatórios e os fanáticos detractores da sua obra (penso que até o próprio Manoel de Oliveira se espanta com o que lê a seu respeito) há um enorme vazio de público, com sensibilidade e bom gosto, que se sente numa sala, de coração aberto e disponível para gostar ou não gostar, mas liberto de preconceitos, de ideias feitas e do «intelectualmente correcto». Infelizmente, tudo o que o público sabe do Manoel é que se trata de um português que faz filmes distinguidos em festivais internacionais mas eles, na sua grande maioria, nunca viram nem têm intenção de ver. Espero que com o correr do tempo, este anacronismo, fruto de múltiplas razões que não cabe aqui referir, se vá corrigindo.

É curioso notar que Manoel de Oliveira manifesta na sua obra uma componente de risco muito evidente. Ele próprio diz que *«cada plano é um risco»*. E acrescenta: *«o cinema, essa máquina que é o meu processo mais familiar, o meu escudo e ao mesmo tempo a minha lança...»*.

O Manoel é um homem de grande charme e senhor de um comportamento social requintado, onde pode perceber-se uma educação e um de juventude toda virada para a competição – desde o atletismo às corridas de automóveis. Em contrapartida, temos o homem que lidera uma equipa de trabalho com mão de ferro, que exige de si próprio, dos seus actores e técnicos, uma entrega que não raras vezes atinge o limite das capacidades físicas de cada um. Não se trata de crueldade, mas creio que apenas um desejo



«Os Canibais» / «Les Cannibales» (1988). Coleção
Cinemateca Portuguesa / Museu do Cinema.

obsessivo de conseguir cada vez mais e melhor. A sua luta pela perfeição!

Nesta luta está também o homem simples que comove e faz comover, capaz de encontrar o belo e o horrível onde quer que se encontrem: dentro de uma flor, numa pedra ou no mais profundo da alma humana. Quando ele espreita o mundo através da lente da sua câmara de filmar, (a tal que é simultaneamente «*o seu escudo e a sua lança*») ainda hoje, com 92 anos, tem a extraordinária capacidade de se maravilhar e apaixonar pelo que vê através dela. Mas o que ele

vê é a vida real completamente ficcionada. É nesta dualidade – ficção, realidade – que a *sua* relação com as personagens da *sua* história tem qualquer coisa de verdadeiramente fascinante. Quer que eles sejam pessoas; mas não os quer ver entrar na realidade da vida.

Jamais esquecerei a cena (aliás lindíssima) da morte de Francisca, no filme do mesmo nome, onde eu, que fazia a mãe, a segurava nos braços, enquanto ela expirava dizendo um pequeno texto muito bonito de Agustina Bessa-Luís. De acordo com as indicações, eu chorava.



«Os Canibais» / «Les Cannibales» (1988). Coleção Cinemateca Portuguesa / Museu do Cinema.

Mas o Manoel, ao ver-me o rosto cheio de lágrimas, teve um choque. De repente, a figura de pura ficção tinha-se materializado e a pergunta foi inevitável: «Maria Glória [é assim que me trata] porque é que chorou?»

Respondi-lhe apenas: «Porque você me pediu».

No seu olhar podia ler-se a perplexidade perante esta coisa misteriosa que é a vida!

Fala-se muito de teatralidade nos filmes de Manoel de Oliveira, ao que ele responde: «Essa noção de teatro filmado que me aplicam é errada, um preconceito».

«Teatro cinematográfico, cinema teatral são preconceitos de um lado e do outro ... eu filmo a vida...». «Filma-se o que o actor representa».

E o aforismo Shakespeareano não pode fazer mais sentido: «*All the world is a stage and all men and women merely players*».

Um abraço Manoel,
Bem haja.



«Non ou A Vã Glória de Mandar» / «Non ou La Vaine Gloire de Commander» (1990). Coleção Cinemateca Portuguesa / Museu do Cinema.

